

“REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DO PROFESSOR NA PÓS-MODERNIDADE”

Por Nelson de Moraes Rêgo *

Vivemos um período em que a civilização humana (não só a civilização ocidental) tornou-se globalizada, pela multiplicidade de fatores, dos quais sobressai-se o avanço tecnológico, com a criação de sistemas eficazes e globalizados de comunicação, satélites, internet, fãc-símile, Tvs e Rádios de alcance transmundoial e de meios de transportes velozes e eficazes (capazes de transpor continentes com distanciamento superior a 7.000 kms em poucas horas), bem como chegamos às condições favoráveis antropo-cultural que transformaram verdadeiramente o nosso planeta em uma “aldeia global”

A partir do que escreveu a prof. *Regina Leite Garcia*, pós-doutorada na área da educação, sob título, “A educação escolar na virada do século”, e mediante o estímulo da estimada Mestra Liratelma A Cerqueira, sintetizei alguns pontos, com acentuado toque pessoal na redação, com a preocupação de expandir entre os leitores do presente texto, a visão de educadores, preocupados com a valorização daquela que é, sem dúvida a mais exigida embora seja das mais sacrificadas na história nacional, a de professor. Convém observarmos o que dissera a primeira, sobre o atual período, que tem sofrido profundas influências do *neoliberalismo*: “ *Todos os projetos do governo tem passado sem maiores resistências de uma oposição esfacelada. O patrimônio nacional, resultado de tantas lutas, vai sendo privatizado. O discurso neoliberal ganha corpo e espaço na mídia... Até a linguagem mudou e todos se apressam a incorporar as novas palavras de ordem do jargão neoliberal: modernização, privatização, terceirização, globalização, qualidade total, racionalização de recursos... competitividade, produtividade, reengenharia, emporwerment, global source, costumer driven production, just in time, trabalho em team, empresa virtual, numa realidade virtual*”.

Percebe-se de plano a crítica a esta “corrente ideológica” quando expõe, por exemplo, que os neoliberais ao levantarem a bandeira de suas idéias “ *ou a salvação pelo neoliberalismo ou o caos*”, condenam ao atraso milhões de pessoas, pois enquanto passa velozmente o trem da história com os vitoriosos, surgem milhões de desempregados, *homeless*, miseráveis e até o nosso homem-gabiru, criação de uma sociedade perversa (ainda bem que a vitória de Lula na eleição, antepõe um quadro de mudança, com maiores preocupações com este social, tão desgraçado). Pôde

constatar a autora do mencionado estudo, em suas andanças pela Europa e EUA, a destruição do movimento sindical, a fragilização da classe trabalhadora e o empobrecimento da classe média. A busca implacável pela *qualidade total e racionalização de recursos*, desumanizam toda e qualquer estrutura ou sistema; ao patrão o que interessa não são as pessoas, mas os resultados, os números, a produção. Impinge-se um abandono aos currículos multiculturais. Em nome de uma especificidade da área de conhecimento, se abriria mão de uma formação geral e pedagógica, em que o importante é o domínio dos conteúdos específicos e a implantação no curso de formação de professores de disciplinas ligadas ao interesse do sistema.

Convencido estou, ao ler a obra em destaque, mais do que antes, de que **o modelo neoliberal não só não consegue resolver o problema da pobreza e do desemprego como gera inevitavelmente mais pobreza e mais desemprego** (só na Europa Ocidental, o neoliberalismo gerou 30 milhões de desempregados). A lógica é concentradora nas mãos dos mais ricos de um volume crescente de recursos, na promessa de que estes recursos constituirão novas formas de investimentos produtivos, geradores de empregos e redistribuidores de renda. Ledo engano, pois aos antigos pobres se juntaram os novos pobres, a classe média empobrecida progressivamente a a partir dos anos 80. Uma classe que tinha garantido um nível razoável de vida pelo conjunto de serviços sociais fornecidos pelo Estado: educação pública, saúde, aposentadorias condizentes, além de empregos estáveis. Este quadro, que se verificava na Europa e nos EUA, chegou também ao Brasil e aos países da América Latina. Nestes, há 75 milhões de crianças incapacitadas para o estudo hoje, e para o trabalho amanhã. 1/3 de analfabetos e semi-analfabetos. A verdade é que a *lógica do mercado*, gerou 500 milhões de pessoas pobres no mundo! (que absurdo...). E ressalto que esta lógica neoliberal causa ainda um outro sofrimento, o de criar desejos de consumo ante a impossibilidade de consumir. O que numa ótica jurisfilosófica, revela-se como uma causa do incremento da criminalidade, que vivemos nos dias atuais. O homem pressionado a consumir e não podendo, furta, rouba e até mata para obter o que não consegue licitamente.

Ressalto ainda, a ausência de controle público sobre a qualidade ética e moral dos programas de televisão, jogos e inserções na informática/internet. Ademais, há em nossa sociedade que vive a imposição deste modelo neoliberal, problemas graves com as crianças das classes mais empobrecidas, problemas raciais e o incremento da violência.

Anteposto este realístico quadro proporcionado pelo neoliberalismo, não poderia deixar de vislumbrar **uma escola num projeto alternativo ao neoliberalismo, em que valores humanos como a**

solidariedade e responsabilidade compartilhada sejam a tônica. A escola, no discurso neoliberal é identificada com a escola de qualidade, fala-se até em qualidade total, a qualidade absoluta buscada pelos que detém o poder, isto porque é indispensável(sic) que a educação atenda aos objetivos empresarias de preparação adequada para o trabalho com vistas à competitividade do mercado internacional e de valores neoliberais que facilitem a consolidação da hegemonia. Para o Presidente FHC o problema da educação não é a falta de escolas para todas as crianças, e sim o despreparo da maioria dos professores e professoras. Não há qualquer referência aos aviltantes salários dos professores, às péssimas condições com que trabalham, à falta de oportunidades e estímulo ao aperfeiçoamento docente, ao autoritarismo do sistema educacional, à pauperização global da categoria e à sua perda de reconhecimento social. A estratégia já estava definida: a qualificação de professores por meio de ensino à distância. Renasce a idéia de um *Currículo Básico Nacional*, em que professores, crianças e jovens devem aprender a mesma coisa. As escolas receberão um “*Kit Pedagógico*”, elaborados por “*experts*” da educação, Fundação Roberto Marinho ou Vitor Civita. Quanto às universidades, tem-se a sua redução ao papel de reprodutor do saber, em detrimento do seu papel de criador do conhecimento. A extensão, estimulada para prestar serviços à comunidade(empresas), com possibilidade de alocar recursos. As UNIVERSIDADES transformadas então em ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS NÃO ESTATAIS, financiadas por serviços prestados, fundações de direito privado, gerida por um Conselho Curador composto de 30% de representantes do poder público, 20% de pessoas de notórias capacidade profissional, idoneidade moral e indicadas pelo poder público, 20% indicados ou eleitos e 30 % eleitos pelos demais membros. Isto significa que cada universidade contratará quem o seu Conselho Curador quiser e pagará quanto o mesmo Conselho decidir. Acabam os concursos, passando a admissão precedida unicamente de divulgação. Percebe-se o enxugamento da máquina administrativa até na universidade e toda um política de desestatização das universidades.

É oportuno extrair-se alguns caminhos alternativos ao neoliberalismo, do ponto de vista educacional: **é preciso construir uma escola includente**, com espaço democrático de socialização do saber historicamente produzido. **É preciso dar espaço para a solidariedade como valor a ser alcançado no ensino.** Quando a universidade está inserida nas regras de mercado, ocorre o processo *malthusiano*, em que os setores mais adaptados sobrevivem à crise; o Estado abandona sua função educadora, assumindo a de controlador sócio-educacional. **Há que se recuperar os vínculos coletivos, a solidariedade, o respeito ao outro, a capacidade de se indignar e inconformar com as injustiças sociais.** Há que se construir uma

nova concepção multicultural de conhecimento e de direitos humanos. Tem-se que lutar pela **democracia em todos os espaços. Tem-se que lutar pela desprivatização da escola, com a melhoria significativa da escola pública, em todos seus níveis.**

Para traçarmos um **perfil de professor moderno**, é mister contextualizar ante os aspectos do neoliberalismo e da globalização e ainda da nova LDB. Precipuamente, reconhecemos que **a presença maiêutica do professor é considerada componente intrínseco da aprendizagem do aluno.** Aliás, a aprendizagem supõe dois componentes interligados: o esforço reconstrutivo pessoal do aluno e o papel maiêutico do professor (ambiência humana adequada). **Aprender é um processo social em que a figura exponencial é o professor.** O papel do professor hodiernamente tornou-se mais relevante com o advento da valorização da aprendizagem. O quociente de inteligência alia-se ao quociente emocional, expressando com isso o desafio de uma personalidade humana capaz de realização profunda, pessoal e coletiva. Aprendizagem é também um processo emocional. A importância da competência emocional nos dias de hoje, o professor a percebe na pele frente aos alunos. Numa sociedade marcada pelo anonimato das cidades, desagregação de valores familiares e religiosos, acréscimos de liberdades por conta dos avanços da democracia social, **a competência emocional é algo absolutamente essencial, para se manter o equilíbrio diante dos desafios da vida.** É preciso estar muito bem consigo mesmo para dar conta de uma profissão tão decaída, maltratada e desvalorizada. A questão emocional na aprendizagem assume dois fatores: como condição motivacional e como componente do processo de aprendizagem. **Faz-se necessário ser feliz em termos de realização subjetiva, saber construir e reconstruir a felicidade individual e coletiva,** promover uma sociedade mais solidária. A aprendizagem é um caso de amor, mas sem perder o desafio do conhecimento. Daí, cabe também considerar-mos que é preciso que também o professor tenha **“inteligência espiritual”**, que lhe propicie amar os seus alunos, na melhor acepção que esta expressão encerra, bem como de valorizá-los enquanto sujeito e destinatário final do processo ensino-aprendizagem.

Dentro da pós-modernidade há ainda que ressaltar o conluio entre conhecimento pós-moderno e o mercado neoliberal. O conhecimento além de traduzir uma civilização tecnológica, oferece ao mercado as armas mais potentes de inovação a serviço do lucro competitivo e globalizado.

O professor, enquanto especialista da aprendizagem, adquiriu formação específica e foi designado pela sociedade através de um processo de seleção acadêmica, para cuidar da aprendizagem dos alunos. **O perfil desse professor pós-moderno** assume ainda alguns aspectos

sobremodo relevantes; **é ele quem constrói os fundamentos de todo e qualquer perfil profissional.** Do ponto de vista do desenvolvimento humano **é o profissional mais estratégico.**

Merece relevo a inovação trazida pela **LDB, nos arts.61 a 67**, com a perspectiva de “nível superior” para os docentes que atuam na educação básica, com a adoção do Instituto Superior da Educação e da Escola Normal Superior, abrindo caminho para que todos os docentes básicos possam chegar ao terceiro grau. Isso vai de encontro com o “**aperfeiçoamento profissional continuado**”, consagrando de vez a idéia essencial de que o aprimoramento profissional faz parte da profissão. Tal circunstância compatibiliza-se com períodos reservados a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho. Assim tem-se ante as exigências modernas, que **consagram o professor como alguém especializado mais que todos em aprender**; somente o professor que aprende bem e continuamente pode fazer o aluno aprender. Importante iniciativa da **LDB** é a inclusão da “**progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho**”. Ninguém carece mais de avaliação do que o professor. Ao professor foi proporcionado pela **LDB**, seu “direito de estudar”, como profissionalização continuada. É preciso um **piso salarial profissional digno**. Um professor mal remunerado, desatualizado e mal preparado contribui para o fracasso escolar. É preciso combinar, na justa proporção, desempenho e remuneração. Os neoliberais ainda mantêm a expectativa espoliativa de um professor bom e barato. **A educação básica com qualidade é o diferencial central do desenvolvimento dos povos.** Duas competências são essenciais: saber inovar e saber educar a inovação, colocando o conhecimento a serviço dos excluídos. Inclui-se também nesse contexto a **revisão curricular**. A redefinição do papel do professor, como **reconstrutor do conhecimento**, é fundamental. E é justamente aí que ganha sentido a assertiva de que, ninguém mais que o educador, para manter-se profissional, é quem precisa todo dia estudar. A educação básica brasileira necessita resgatar o professor, como um componente de extrema importância no processo ensino-aprendizagem.

Podemos então estabelecer um perfil do professor moderno. **Primeiro, o professor precisa aprender a pesquisar**, porque é a pesquisa que mais lhe define o exercício profissional. A idéia portanto, vai além de alguém que “dá aulas e socializa conhecimento”, pois pesquisa vem compreendida como princípio educativo e comprometida com a qualidade política. Algumas **convergências entre educação e pesquisa podem ser apontadas**: a) o questionamento, enquanto consciência crítica; b) a dimensão reconstrutiva inovadora, quer enquanto racionalidade analítica que produz a inovação(pesquisa), quer a reconstrução humana e ética(ensino); c) a

presença de um sujeito capaz de história própria, enquanto condições emancipatórias com sentido de autonomia pessoal e coletiva; d) senso de atualização permanente; e) a conotação pessoal e social do processo, seja assinalando a necessidade de esforço reconstrutivo, seja indicando o contexto sempre social; f) um processo de aprendizagem ocorre sempre em ambos. A proposta de educar pela pesquisa é uma alternativa essencialmente válida, pois a pesquisa é uma das bases fundamentais da aprendizagem.

Segundo, o professor precisa saber elaborar com mão própria. Na verdade só se muda o que se elabora, ou só se aprende o que se elabora. Fica como conquista própria aquilo que sabemos internalizar pela via de elaboração. O conhecimento somente se torna energia pessoal se elaborado pessoalmente, assim como o alimento se torna energia pessoal se digerido. O possível ressaltar tres aspectos da importância da elaboração própria: a) viabilizar o projeto pedagógico próprio e coletivo; b) dar conta do material didático próprio. Observe-se que o livro didático essencial só pode ser o professor. O segundo livro didático é apenas material de pesquisa, i.é., os livros didáticos são relevantes para permitir a pesquisa. Importante aqui, os exercícios específicos, as pesquisas próprias, levantamentos *ad hoc* e c) introduzir inovações didáticas próprias, no sentido de nos tornamos sujeitos das próprias propostas. O professor não pode ser apenas o leitor, mas precisa tornar-se autor, e mostrar o caminho visível da passagem do leitor para o autor, do observador para o participante, do discípulo para o mestre.

Terceiro, o professor precisa saber teorizar sua prática. Trata-se de combinar criativamente teoria e prática. A pratica é conduzida então de volta para a teoria. Pode-se até admitir que o conhecimento se inicie pelo questionamento da pratica. A própria teoria se não se confrontar com a prática, nunca foi de fato, teoria socialmente pertinente. Existe a necessidade da autocrítica, pois somente esta reforça a sua competência crítica. Traduzindo: professor que não aprende bem, não pode fazer o aluno aprender bem. Desenvolver consciência crítica significa, marcantemente tornar-se autocrítico. Observa-se na realidade atual, que o professor dificilmente estuda, por encontrar-se premido pelas condições absurdas de trabalho. É um disparate dar aulas de manhã, de tarde e às vezes de noite, pois aí ele apenas se consome.

Quarto, o professor carece de atualização permanente(educação permanente). Isto sempre faz parte das discussões pedagógicas mais aprofundadas. Com efeito, o conhecimento imprime uma coerência assustadora ao processo de inovação. Ele mesmo (o conhecimento) se faz objeto da inovação. A velocidade de inovação é proporcional, no outro lado, à velocidade do envelhecimento. Nenhuma profissão envelhece mais rapidamente que a de professor. **O desafio da atualização permanente pode**

ser visualizado sob dois níveis principais: a) pode ser visto como “**socialização do conhecimento**”, representado por seminários, encontros, palestras que permitem ao professor travar contato com pesquisadores, encontrar-se para discutir rapidamente, comunicar-se e informar-se. b) deseja-se o nível da “**recapacitação permanente**”, consistente em cursos que garantam aprendizagem adequada, isto é, baseiam-se em pesquisa e elaboração própria. Precisam ser mais longo, por volta de 80 horas. A idéia melhor é incluir tais cursos ao longo dos 200 dias letivos, previstos em lei. O que melhor faz o aluno aprender não é o aumento de aulas, mas a melhoria qualitativa do professor. A 1ª preocupação desses cursos é a PROPEDÊUTICA BÁSICA, que compreende o saber estudar, pesquisar e elaborar (avaliação) a devida aprendizagem. A 2ª, é PERMITIR O ACESSO AO MUNDO DO CONHECIMENTO, às bibliotecas, videotecas, informática educativa etc. A 3ª será através de PESQUISAS ANUAIS DE RENDIMENTO ESCOLAR, verificando-se até que ponto a aprendizagem está melhorando pois esta é a razão de ser de tudo.

Quinto, o professor precisa saber produzir e usar instrumentação eletrônica a serviço da educação. Presentes aqui dois desafios: 1º) USAR OS MEIOS DISPONÍVEIS para fins de socialização mais aceitável de conhecimento e informação. Tudo torna-se mais facilmente acessível e é mais atraente. Assim promove-se ambientes mais motivadores e instigadores de aprendizagem. 2º) PRODUZIR MATERIAS DIDÁTICOS ATRAVÉS DE MEIOS ELETRÔNICOS, passando o professor para autor de propostas criativas. É possível caminhar na direção de uma informática cada vez mais construtiva, que supere a simples transmissão de informação e conhecimento; o “educativo” da informática, não provém dela mesma, mas do educador engajado no processo de aprendizagem do aluno. Assim, a informática assume o papel de insumo da educação, enquanto meio, para levar o aluno a estudar e a pensar.

Sexto, o professor precisa avançar na direção da interdisciplinabilidade do conhecimento. Se por um lado não podemos abandonar a posição de “especialistas”, porque a profundidade de conhecimento assim exige, a interdisciplinabilidade de conhecimentos, sobretudo em áreas afins, não pode ser esquecida jamais. Trata-se de encontrar um meio termo entre o conhecimento profundo e naturalmente verticalizado, e a capacidade de aprender para além da fronteira disciplinar, tornando-nos um pouco mais polivalentes. A ciência moderna está aprendendo a ser interdisciplinar, movida pela razão central que é o respeito à complexidade da realidade. E há de reconhecer-se que o conhecimento científico é apenas um dos olhares. O ambiente interdisciplinar é mais apto à inovação. Por outro aspecto, o mundo do trabalho também espera que o saber pensar inclua saber

ver mais longe e aprender sempre. Observemos uma constatação, a de que as atuais teorias mais criativas da aprendizagem não tem nascido entre pedagogos.

Sétimo, o professor precisa rever sua teoria e prática de avaliação, como objetivo de aprimorar o processo de aprendizagem do aluno. A avaliação é definida como processo permanente de sustentação da aprendizagem do aluno. Assim entendido a avaliação educativa, enquanto a serviço do processo educativo. Importante num primeiro momento do DIAGNÓSTICO, saber em que situação se encontra o aluno, sobretudo que problemas teria de aprendizagem.

O ideal seria cuidar de cada aluno individualmente, mantendo de cada um uma ficha detalhada de sua progressão na aprendizagem.

Para concluir, não podemos deixar de considerar que o perfil do professor na pós-modernidade assume relevo destacado, sobretudo se considerarmos que os países que tiveram grande desenvolvimento sócio-econômico no século XX, investiram massivamente em educação, *ad exemplo* EUA, Japão e a Coréia do Sul. É a profissão formadora de todas as profissões. Por isso mesmo é preciso mais respeito para com o professor, em todos os níveis do saber. **É através da valorização do professor e da educação que conseguiremos o tão sonhado nível de desenvolvimento nacional,** conquanto não seja uma tarefa de um único governo ou de alguns poucos anos, mas de toda a sociedade civil brasileira em engajamento que assume feição semelhante a um pacto social. E eleita então prioridade nacional, a valorização da educação e do professor deverá prosseguir assim, até que mudemos significativamente a nossa realidade, com melhores indicadores antropológico-cultural.

*** O autor é professor da FACIMP, do Curso de Direito, Pós-Graduado em DIDÁTICA DO ENSINO UNIVERSITÁRIO pela FAMA e Pós-Graduado em D. Empresarial pela Universidade Gama Filho e em D. Civil e D. Processual Civil pela Universidade Estácio de Sá. Juiz de Direito Auxiliar da Comarca de S. Luís.**